

ÀS VEZES ROUPA FALSA, MAS NÓIS SEMPRE VERDADEIRO: Funk, identidade e performances em rede sobre o consumo de roupas falsas no Brasil

GABRIELA LUISE SANTOS ROSA¹
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO | A pesquisa analisa performances digitais ligadas ao consumo de roupas falsas e ao funk nas redes sociais, a fim de investigar sua conexão com identidades periféricas. Foram analisadas postagens no Instagram, a partir do vetor “roupa falsa” (GUTTMAN, 2021) para rastrear esses vestígios. Conclui-se que as performances em rede sobre o consumo de roupas falsificadas refletem a complexidade da cultura e a fluidez da identidade.

PALAVRAS-CHAVE: PERFORMANCE; ROUPA FALSA; FUNK; IDENTIDADE;

PROPOSTA

A performance é acionada pelo campo da Comunicação por conseguir materializar as práticas culturais e por permitir acessar o ato performático dentro do seu contexto, em seu determinado tempo e espaço, em torno da ideia de “incorporação, repetição, reiteração” (AMARAL et al, 2018, p. 70). Aqui, interessa uma abordagem que se volta para as redes sociais e performances em ambiências digitais como modo de acessar a cultura. Em Gutmann (2021), o entorno tecnocomunicativo² (MARTÍN-BARBERO, 2009), em que se criam as redes onde se espriam as audioverbovisualidades, é primordial para compreender a performance como agenciadora em fenômenos da comunicação e a relação com a cultura, não apenas pelo ato performado, mas pelos processos interacionais que o corpo aciona (GUTMANN, 2021, p.88).

Apesar da relevância do corpo como parte da performance, o movimento e a transmutação são os que mais escancaram os materiais culturais que orbitam o ato performado. É nesse processo que sobrevivem e se reconfiguram tanto os arquivos como os repertórios. As interações, a aquisição de novo material cultural, a perda e/ou o deslocamento evidenciam o “DNA da performance” (TAYLOR, 2013). Os esforços

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe; gabrielarosagmail.com.

² O entorno tecnocomunicativo, segundo Jesús Martín-Barbero, é um ecossistema no qual sujeitos veem e são vistos em redes e que configuram novas formas de mediação cultural e social. Nele, a tecnologia deixa de ser apenas aparato e passa a estruturar de modos de percepção, linguagem, sensibilidades e escritas, reverberando em mutações culturais. Trata-se de uma ambiência permanente, onde mediações tecnológicas moldam a experiência cotidiana e promovem processos contínuos de desterritorialização e reterritorialização cultural. É um espaço simbólico que articula práticas de comunicação, temporalidades e matrizes culturais.

relacionais e a forma que o corpo incorpora e é incorporado permitem que os modos de cultura sejam acessados, em sites de redes sociais (AMARAL et al., 2018), eles estão palpáveis no momento de conexão entre um corpo e os outros corpos expostos na tela — dos celulares, tablets, computadores —, pelos comentários, curtidas, encaminhamentos, visualizações, reações.

Tais processos permitem observar as culturas urbanas e periféricas, bem como a expressão de identidades acionadas por gestos, vestimentas e interações mediadas. A dinâmica das redes sociais evidencia performances instáveis e reconfiguradas, tornando visíveis suas instabilidades e rupturas. Assim, a roupa emerge como objeto significativo, pois, ao ser vestida e habitada, agencia presença e identidade, sendo indissociável da materialidade, “uma vez que pessoa e coisa são consubstanciadas” (CAETANO, 2020, p. 126). No limiar desse hibridismo, em que um depende do outro para criar sentido, é onde se estabelecem as memórias e as identidades, onde tomam formas as práticas culturais. As vestimentas forjam os sujeitos ao relacioná-las com aqueles que os cercam, sendo marcadores tanto por similaridades quanto por diferenças simbólicas (WOODWARD, 2014).

Este trabalho, então, propõe um olhar para o consumo de roupas falsificadas em um contexto de valorização em relação à original a fim de entender em quais aspectos essa prática se interpela pela construção de identidades ligadas a práticas culturais contra-hegemônicas.

Funk, roupa falsa e performance

Nos modos de vida periféricos, práticas, consumo e valores são compartilhados por quem habita espaços marginalizados, mas que se expandem para além das barreiras geográficas. A digitalização da música popular periférica (PEREIRA DE SÁ, 2017) permitiu maior visibilidade aos artistas e consolidou circuitos autônomos, deslocados das grandes gravadoras. O funk, nesse cenário, destaca-se como um dos principais gêneros que articulam códigos culturais e identidades, transformando a sua circulação enredada em rastros de socialização/pertencimento. No Instagram, performances e práticas culturais são visibilizadas e ressignificadas, condensando elementos convencionais e flexíveis, que se adaptam às dinâmicas de consumo e circulação digital.

A pesquisa pelo termo "roupa falsa" na plataforma revelou postagens conectadas à música "Fácil Dizer Que Me Ama", de MC's João e Hariel (2016), onde o trecho "às vezes roupa falsa mas nós sempre verdadeiro" funciona como vetor para acessar performances que relacionam o consumo de roupas falsas com culturas periféricas. Em perfis de redes sociais, as escolhas de usuário funcionam como textos de apresentação, que enquadram um sujeito dentro de um contexto de interação mediada (SOARES; MANGABEIRA, 2012, p. 275). Aqui são apresentados sujeitos majoritariamente masculinos e jovens, que compartilham estéticas similares em suas imagens: roupas esportivas (camisas, casacos, bermudas, calças, tênis), acessórios corporais e gestos e posturas recorrentes - como o sinal de paz, positivo/legal com o polegar e poses (Figura



1 e Figura 2). Essa repetição de padrões visuais reforça a presença de um repertório identitário e estilístico consolidado.

Figura 1: exemplos dos resultados recuperados pela busca.



Fonte: print da tela (2025).

Figura 2: exemplos dos resultados recuperados pela busca.



Fonte: print da tela (2025).

Além disso, a localização geográfica muitas vezes é ressignificada por meio de expressões afetivas ou memes, indicando a imbricação entre o espaço físico e a ambiência digital, como é o caso da segunda imagem da Figura 2. “Alameda City Só Cria”, pelo dado contexto e pela da materialidade, refere-se a uma região do estado de São Paulo. Amaral et al. (2018) reforça “a importância do contexto cultural de onde emergem as performances para compreender os tensionamentos entre corpos, agenciamentos políticos, geográficos e estéticos” (p. 73). De tal forma, a estilização permitida pela rede social contribui para a visualização do repertório (TAYLOR, 2013), imbricado ao arquivo (o post) .

Nas postagens recuperadas para este trabalho, o espaço é constituinte da performance, imbricado ao corpo e à vestimenta. O ambiente em que os atos performados se estabelecem é o digital, mas imbricados a eles está o espaço geográfico que interfere e é incorporado pela/faz parte da performance. Se performances são comportamentos duplamente experienciados (SCHECHNER, 2019), é também duplo o cenário em que essas experiências acontecem. As postagens analisadas datam de 2016 (ano de lançamento da música) a 2023, conectadas ao mesmo fenômeno midiático, rastreadas pelo mesmo vetor. Esse lapso temporal denota o condensamento dessas convenções, atravessadas e afetadas pelo tempo, mas também diz respeito às próprias ambiências digitais e a forma que as audioverbovisualidades se espalham nelas, dadas as “temporalidade múltiplas” (GUTMANN, 2021), que se atualizam por meio das lógicas algorítmicas e da conectividade digital.

Dessa forma, compreender cultura e comunicação a partir das performances digitais permitiu evidenciar como fluxos de imagens, áudios e textos configuram um sólido composto cultural que tem o consumo da roupa falsa e o funk como eixos centrais. Em um sentido enredado, as práticas e as narrativas expostas por esses atos performados confluem a partir desse vetor para formar uma comunidade imaginada, em que o discurso sobre o traje falsificado tensiona a lógica hegemônica imposta sobre ele. Incorporadas, tanto fazem a performance quanto são feitas por elas, por isso, nesse coletivo fabulado, fazem emergir uma noção de pertença, onde a materialidade do vestuário, os códigos estéticos, as dinâmicas interacionais e os demais comportamentos restaurados podem ressignificar uns aos outros em multiterritorialidades e temporalidades.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; SOARES, Thiago; POLIVANOV, Beatriz. Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. **Revista RBCC (Intercom)**, vol. 41, n. 1, 2018.

CAETANO, Stella Mendonça. Indumentária, pertencimento e diferenciação: o papel das roupas na construção de uma identidade coletiva gótica. **Ensaio**s, v. 16, p. 176-192, 23 dez. 2020.



GUTMANN, Juliana Freire. **Audiovisual em rede**. Derivas conceituais. Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia. Entrevista à Mariluce Moura. **Revista Fapesp**, São Paulo, ed. 163, Set. 2009. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/as-formasmesticas-da-midia/>. Acesso em: 3 dez. 2024.

MC João e MC Hariel. Fácil Dizer Que Ama. São Paulo: GR6 Explode. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T5KGEc6LooA>. Acesso em: 4 dez. 2024.

PEREIRA DE SÁ, Simone. Cultura Digital, Videoclipes e a Consolidação da Rede de Música Brasileira Pop Periférica. **Anais do XXVI Encontro Anual da Compós**, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP, junho de 2017.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: an introduction**. New York: Routledge, 2019.

SOARES, Thiago; MANGABEIRA, Alan. Alice através...: televisão, redes sociais e performances num produto televisivo expandido. Salvador: **Revista Contemporânea - Comunicação e Cultura**, v.10, n. 2, mai- ago 2012.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014 pp. 7-72.